



GT 02 – EDUCAÇÃO FÍSICA, CORPO E CULTURA

PRÁTICAS CORPORAIS NA EDUCAÇÃO FÍSICA: corporalidade e gênero no campo escolar

Taynara Reges Cardoso¹
Thiago Camargo Iwamoto²
Paulo Roberto Veloso Ventura³

Agência Financiadora: não contou com financiamento.

Palavras-chave: Gênero. Educação Física escolar. Práticas pedagógicas. Corporalidade.

Introdução

Faz-se de grande valia discutir as questões de corporalidade e gênero, sobretudo, com delimitação dentro das práticas corporais na Educação Física escolar, analisando as relações entre as culturas sobre gênero e corpo e como perpassa a visão de professores/as sobre essas práticas.

Buscando os reflexos do corpo e sua contemporaneidade que recebe influências constantemente, a partir da sua relação com o mundo e dando prosseguimento, ao gênero, como tema central, juntamente com a sua definição e analisando componentes influenciadores tratando sobre padrões, identidades, questões culturais e sociais.

As tentativas de uma conscientização de igualdade e equidade entre gêneros dentro das aulas de Educação Física se mostram como uma grande escassez, tendo assim, por consequência, a exclusão de alunos/as entre alunos/as, das práticas corporais nas escolas, gerando a desvalorização das meninas, prioritariamente. Desde então, quais seriam os determinantes histórico-sociais que levam a relação de corpo e gênero a este contexto e como eles influenciam nas práticas corporais dentro da Educação Física escolar?

De acordo com Goellner (2013) é na escola onde ocorre mais uma construção do ser humano pelas descobertas de habilidade. Com base em sistemas de ensino diversificados, esse corpo circula e expressa representações diferentes ao longo do processo educacional e para isto a escola precisa levar para o ambiente escolar representações/construções sociais que são vividas e vistas fora da escola (LOURO, 2013). Para tal, busca-se analisar o processo e as relações sociais que reproduzem

¹ Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) – E-mail: taynara741@hotmail.com

² Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) – E-mail: thiagoiwamoto@outlook.com

³ Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) – E-mail: paulo.pinta@gmail.com

na Educação Física escolar a cultura sobre gênero aliando-o historicamente ao estudo do corpo e suas modificações, investigar como os/as profissionais da Educação Física escolar compreendem a relação de gênero e corpo no âmbito das práticas corporais.

Metodologia

Essa investigação se apresenta como não experimental em seu delineamento e conta com uma pesquisa de campo. O método de investigação foi o Materialismo Histórico Dialético, orientado no trato com o conhecimento da Educação Física pela vertente Crítico Superadora. A tipologia de pesquisa por objetivo seguiu características compreensiva e exploratória. Nos procedimentos, a técnica consistiu com base na análise de conteúdo com observações sistemáticas. O instrumento utilizado para o campo foi por meio de entrevistas semiestruturadas, utilizando-se de gravador e um diário de bordo para as anotações das aulas práticas, a partir das observações. A abordagem foi qualitativa.

As observações e entrevistas ocorreram em uma escola de rede estadual e duas escolas particulares. Nessas escolas foram observados/as e entrevistados/as cinco professores/as, sendo dois homens e uma mulher atuantes na mesma escola estadual e um homem e uma mulher atuantes em escolas particulares diferentes, sendo todos/as professores/as de ensino fundamental II, tendo experiência por mais de cinco anos nas escolas. As visitas nas escolas ocorreram no período de agosto e setembro de 2019, sendo realizadas três visitas em cada escola, duas para o primeiro contato com o/a professor/a e para a observação das aulas, se possível uma ideação a respeito da metodologia aplicada e a outra para efetivar a entrevista.

Quanto às categorias, foram duas determinantes para a construção e fechamento da discussão, sendo a primeira categoria a discussão sobre gênero e sua conceituação e a segunda trabalhando a cultura como fator determinante, discorrendo a respeito da construção e a desconstrução da cultura sobre gênero.

Resultados

Durante as aulas de Educação Física na escola, muitos/as professores/as justificaram as diferenças culturais entre meninos e meninas pelos atributos naturais de macho e de fêmea. Essa reprodução de conhecimentos por meio das marcas biológicas e crenças de que homens e mulheres são “diferentes por natureza”, possibilitaram que as diferenças de gêneros sejam constantemente (re)produzidas nas aulas (PRADO; RIBEIRO, 2015).

De acordo com Lanz (2014) a cultura ocidental reconhece duas categorias de gênero, masculino e feminino ou homem e mulher. Essas duas categorias estão relacionadas com as principais categorias do sexo genital, o macho e a fêmea, que trazem um discurso/dispositivo binário de gênero e que se torna um dispositivo de controle social instituído com base em normas de conduta culturais, políticas e jurídicas. A Autora (2014) complementa que sexo, também conhecido como sexo biológico ou genital está ligado à genitália que cada indivíduo traz por entre as pernas ao nascer.

Dentro das práticas pedagógicas, foi possível notar uma cultura sobre gênero influenciada e controlada pelos/as professores/as, diretores/as, coordenadores/as, administrativos/as e outros, para que, os/as mesmos/as, consigam ordenar comportamentos via expressão corporal dentro dos padrões formatados por metodologias de ensino tradicionais e conservadoras.

Diante de toda problemática, a começar, quatro dos/as cinco professores/as disseram que se encantam mais com estudos em ciências biológicas do que humanas e sociais e que o conhecimento sobre gênero foi pouco trabalhado. É possível, por meio das respostas, indicar que os/as professores/as sabem dizer a respeito do conceito de gênero mesmo sendo um tema mais discutido na área da ciências humanas e sociais. O professor I, de acordo a pergunta do que é gênero, como resposta disse “É a distinção entre sexos né? [...] geralmente é relacionado com uma construção social sobre o termo, a uma noção cultural sobre essa distinção de sexo”. A professora II replicou “Questões de masculino e feminino, homem e mulher pra mim isso é gênero”. E de forma simples e direta o professor III disse “masculino e feminino”.

Durante o discurso, todos os professores/as, mostraram o poder de espaço e conquista que as meninas podem/tem e que, por algum motivo, perderam e/ou nunca tiveram ele, citando a cultura como fator defensor principal dos meninos já que elas os privilegiam a todo tempo. Alguns discursos de preconceitos foram citados pelos/as professores/as durante suas práticas, a professora II, por exemplo, trouxe um comentário a respeito do primeiro contato dos/as alunos/as com a ginástica, “[...] um dia se eu chegar e perguntar ‘você já fez ginástica?’ primeiro o menino vai dizer que não gosta, mas na verdade é que ele nunca teve acesso”, mas de onde vêm essa contextualização e preconceito?

Geertz (2017) esclarece que o ser humano tem de forma inata as capacidades de respostas gerais através da plasticidade, complexidade e efetividade de comportamento, sem a cultura, o comportamento se daria de forma ingovernável, sem forma e sem experiência. Pode-se afirmar, então que a cultura é a base da especificidade humana, mas que ao mesmo tempo modela e separa o ser humano.

Durante a entrevista com o professor I, ele retrata uma realidade vivida.

[...] o construir, por ser cultural eu faço uma discussão de cinquenta minutos desconstruindo, o aluno tem o dia inteiro, novamente, essa visão sendo construída e reforçada. Construída pela mídia, construída pela família, construída pela religião, então desconstruir isso em cinquenta minutos, duas vezes por semana é muito difícil, isso não significa que ele seja impossível e que não seja relevante a desconstrução (PROFESSOR I).

O professor IV e a professora V, ambos atuantes em escolas particulares, trás realidades diferentes quando comparadas com os/as professores/as da rede estadual. Quanto à construção e a desconstrução da cultura sobre gênero, o professor IV esclareceu como funciona o sistema da escola em que trabalha e também um episódio surpreendente que aconteceu.

Aqui as aulas são separadas e eles podem escolher qual esporte irão praticar na Educação Física e, acreditamos que dividi-los terão um melhor desempenho. Uma vez, as meninas fizeram um baixa assinado para que colocássemos society feminino e conseguiram, hoje tem. Aqui também tem o teatro e mesmo sendo considerado mais feminino, os meninos praticam (PROFESSOR IV).

Apesar de a escola optar por uma metodologia mais separatista, sendo meninas não tendo Educação Física com os meninos e vice versa, o professor relatou que durante os jogos internos, acontecem algumas modalidades mistas como vôlei, queimada e basquetebol. Mesmo ocorrendo essa separação, foi notória que as meninas (alunas) tinham os mesmos direitos que os meninos, as mesmas práticas corporais disponíveis.

Dornelles e Dal'igna (2015) ao tratarem a respeito da escola, sendo uma instituição normalizadora e moderna, usam de mecanismos de individualização, correção, comparação e normalização para regular e moldar os sujeitos. Essa estratégia, também, é utilizada e presente nas aulas de Educação Física quando se coloca faixa etária e questões de gênero como fator organizacional das aulas.

É importante enfatizar que o planejamento não é individual e imutável, mas flexível e dinâmico. O/a professor/a tem a responsabilidade de coordenar o desenvolvimento de seu trabalho e clarificar a respeito do planejar, executar e avaliar de forma integrativa, não de forma separada como propõe a concepção normativa. É preciso romper com essa objetificação do agir do/a professor/a, é necessário avaliar, repensar a prática pedagógica a partir de como se pensa ela, possibilitando uma tomada de consciência entre o que se pensa, o que se pode e o que se faz (FORTES *et al.*, 2018).

Considerações finais

Os diferentes conteúdos e abordagens desenvolvidas nas práticas pedagógicas notam-se como as relações de gênero são interferidas nas aulas de Educação Física. Não somente os conteúdos, mas diversas outras categorias que estão internalizadas interferem nas relações de meninos e meninas.

Infelizmente, a desigualdade nas práticas pedagógicas ainda não está superada, embora discutida em sala, questionada por entre professores e alunos/as, essa concepção está generalizada e enraizada. Percebe-se também que as meninas estão sempre colocadas como menos habilidosas quando comparadas com os meninos.

A partir de toda vivência, precisa-se, hoje, direcionar olhares para os cursos de formação de professores/as, sobretudo acerca das questões referentes aos processos culturais e as construções de gênero. Diante de todo conteúdo discutido, traz-se uma reflexão a cerca desse processo que se chama transformação, transformação do conhecimento, da construção, para que ocorra uma nova realidade humana e social refletindo nas quadras, nos pátios e nas salas, sendo os/as professores/as grandes mediadores/as desse processo infinito e mágico chamado conhecimento.

Referências

- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DORNELLES, Priscila Gomes; DAL'IGNA, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 1585-1599, 2015.
- FORTES, Maria Auxiliadora Soares et al. Planejamento na prática dos professores: entre a formação e as experiências vividas. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 3, n. 2, p. 315-324, 2018.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturais**. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. *IN*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LANZ, Letícia. **O Corpo da roupa**: a pessoa transgênera entre a transgressão e a coformidade com as normas de gênero. 2014.
- LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – o “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. *IN*: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (org). **Corpo, gênero e sexualidade**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PRADO, Vagner Matias do; RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Educação física escolar, esportes e normalização: o dispositivo de gênero e a regulação de experiências corporais. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 19, n. 3, p. 205-214, 2015.